

**UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA COM VBL (VIDEO BASED LEARNING)
ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DAS FIGURAS RUPESTRES DO VALE
DO ALCobaça: BUÍQUE - PE**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-182>

Data de submissão: 23/09/2024

Data de publicação: 23/10/2024

Gevson Silva Andrade

PhD – Geisteswissenschaft - Technische Universität Berlin
Universidade de Pernambuco
E-mail: gevson.andrade@upe.br
Orcid: 0000-0003-3621-6228
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3127844887625744>

Iverson Marques Barbosa

Graduado em Licenciatura em Geografia - Universidade de Pernambuco
E-mail: iverson.marques@upe.br
Orcid: 0009-0007-8003-6597
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4598303164922514>

João Victor Santana da Silva

Graduado em Licenciatura em Geografia - Universidade de Pernambuco
E-mail: joao.vitorsantana@upe.br
Orcid: 0009-0003-1598-2094
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7332116460534339>

Ana Regina Marinho Dantas Barboza da Rocha Serafim

Pós-Doutora em Geografia - Universidade de São Paulo
Universidade de Pernambuco
E-mail: ana.marinho@upe.br
Orcid: 0000-0002-0224-2156
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6583129971560365>

Paulo Cesar de Oliveira

Doutor em Geografia - Universidade Federal de Pernambuco
Universidade de Pernambuco
E-mail: paulo.cesar@upe.br
Orcid: 0000-0002-3054-213X
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2511651072274209>

João Allyson Ribeiro de Carvalho

Doutor em Geografia - Universidade Federal de Pernambuco
Universidade de Pernambuco
E-mail: allyson.carvalho@upe.br
Orcid: 0000-0003-4771-0491
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8096236027203954>

Luciana Rachel Coutinho Parente

Doutora em Geografia - Universidade de Lisboa

Universidade de Pernambuco

E-mail: luciana.coutinho@upe.br

Orcid: 0000-0001-7528-0586

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9772070247795635>

Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva

Doutor em Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade de Pernambuco

E-mail: paulo.abreu@upe.br

Orcid: 0000-0003-1597-1750

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8317517642436355>

RESUMO

O Vale do Catimbau, localizado no município de Buíque- PE, ao qual se situa no encontro das mesorregiões do Agreste Meridional e o Sertão pernambucano, possuindo seu bioma predominância da Caatinga, sendo este bioma endêmico do Nordeste brasileiro; com um relevo favorável e de grande interesse nas vivências de campo, esculpido no Planalto da Borborema havendo presença na constituição de paisagem Maciços e Outeiros altos, com a variação de 650 a 1000 metros. Com toda fitofisionomia englobando seus atributos naturais, o que deixa todo esse ambiente ainda mais interessante para estudo do local, é dado através das pinturas rupestres encontradas nas rochas ali presente, com destaque para o Sítio Arqueológico do Vale do Alcobaça havendo registros na rocha matriz, bem como registros em blocos caídos, marcados em diferentes épocas e povos, São observados marcas históricas deixadas pelos grupos que por ali passou. Englobadas no arcabouço imagético na categoria Tradição Agreste (Martin 2000), no qual categoriza-se pelas singularidades das imagens feitas, bem como as técnicas para marcação no relevo. A arte rupestre feita pelos povos primários da região do Catimbau contribui para o ensino da Geografia, permitindo assim um entendimento do espaço geográfico e suas dimensões. Na excursão didática os discentes do curso de Geografia puderam analisar as mudanças na forma de vida da população originária, bem como as principais transformações físicas/naturais do Vale do Catimbau. Diante do atual cenário da educação básica do ensino da geografia, os métodos utilizados colaboram para o ensino tradicional, na forma em que os docentes reproduzem seus conhecimentos e informações, sem qualquer preocupação com a construção do conhecimento dos seus respectivos alunos, dessa forma o trabalho em questão propõe a quebra do paradigma tradicional. O objetivo da pesquisa é abordar como as figuras rupestres podem colaborar no ensino da Geografia e auxiliar na representação do espaço geográfico para o entendimento das dinâmicas espaciais ocorridas no território, buscando atribuir as fotografias ao ensino da Geografia, e romper com a forma de ensino tradicional na educação básica. A metodologia utilizada é baseada no “Video Based Learning”, por meio da realização da gravação da trilha do Sítio Arqueológico Alcobaça pelos estudantes, para ser utilizado na produção do material didático, sendo um vídeo que conta o percurso da trilha, exibindo o paredão com as respectivas figuras rupestres, e a realização da atividade didática intitulada "Geografia escrita nos Relevos", na qual os estudantes vão desenhar as figuras rupestres que mais lhe chamaram atenção e qual significado foi atribuído à figura. Como resultado da pesquisa, teremos a elaboração do vídeo expositivo (em editoração), e a atividade prática realizada em sala de aula com os estudantes, que traz diferentes memórias e significados. Conclui-se que abordar o uso de representações de figuras rupestres no ensino da Geografia, colabora para que os estudantes possam analisar o território de uma forma inovadora, portanto, é notório que as excursões didáticas

são válidas e de tamanha importância para que futuros profissionais consigam elaborar métodos didáticos que possam ser aplicados dentro e fora das salas de aula.

Palavras-chave: Ensino, Vale do Catimbau, *Video Based Learning*, Educação básica.

1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias ao caminho que evoluem, passam a se integrar e serem usadas com mais abrangência pela sociedade, em suas multitarefas. Dessa forma, podem facilitar as ações do cotidiano dos que usam, atingirem seus desejos e necessidades. As dimensões metodológicas para o ensino, também acompanham essas transformações, como as metodologias ativas, que buscam trazer uma nova visão na abordagem de conteúdos nas salas de aulas e como esses ensinamentos podem ficar à disposição dos alunos.

Ao modo em que a geografia enquanto ciência se amplia e se moderniza desde seus primórdios, com a necessidade de demarcar e descrever os novos territórios, nota-se a cartografia sendo um recurso até então evolutivo em sua era de inicialização, os sistemas de localização por GPS, é o resultado de uma revolução técnico científica no que resultou em maiores precisões dos territórios da superfície terrestre.

O caminho colaborativo da tecnologia e seu uso atrelado à educação, é um caminho a ser usado pelos professores, visto que nos últimos anos a busca por novas metodologias para tornar a educação mais ampla e de acesso democrático, permeiam o âmbito escolar. Medidas como a inserção do uso de vídeos para a educação é a proposta deste artigo, no qual juntamente com as aulas de campo, resultará na atividade central proposta.

A partir das revoluções técnico-científicas informacionais, a evolução da informação e seus meios de acessos, vem por eras se adaptando e se renovando com o intuito de saciar os anseios e desejos da sociedade. Com a educação não é diferente, ao mesmo molde em que a transmissão de informação se renova e se adapta às ferramentas de propagação, surgem novos meios para a educação e uso de metodologias que atrelam a tecnologia com a transmissão informacional.

O uso de novos meios para disseminar a educação sofre forte influência dos avanços tecnológicos. A sociedade anseia e busca por informações, dessa forma, a metodologia ativa, busca o papel de protagonismo ao discente, dando ao docente o feito de ensinar ao mesmo tempo que partilha de conhecimentos prévios de seus alunos. Tratar de metodologias ativas, é incluir o trabalho do aluno, como meio de produção do conhecimento, na qual afirma, Adolfo Tanzi Neto (apud Santos, 2022). “E, nessa linha, é preciso que o professor crie espaços que proporcionem o desenvolvimento do aluno por meio de diferentes formas de se relacionar com os conteúdos”.

As metodologias ativas, assumem um novo papel dentro da educação, com aportes de inserção da tecnologia no meio educacional, dentro da perspectiva, o VBL sigla em inglês para Video Based Learning que em português é designado ao método de aprendizagem por meio de vídeos. Uma área

que busca romper com os modos operantes da educação baseado nos preceitos tradicionais, trazendo uma metodologia ativa atrelado a tecnologia, com alcance em larga escala global.

A partir de um cenário de pandemia e isolamento social, para barrar a disseminação do vírus como visto no ano de 2020-2022, a metodologia ganha força além da necessidade da continuidade na propagação do ensino, a facilidade ao acesso às tecnologias que colaboram para uma maior disseminação de conteúdo, perante a sociedade, foram vetores para uma aceitação do método. A forte crescente em diferentes meios de propagação técnico informativas, atrelado a ferramentas como o micro learning, que possui o foco na transmissão de conteúdo de forma objetiva e direta, em pequeno espaço de tempo.

Assim como Thuinie Daros (apud Modena, 2020), afirma que a metodologia, além de servir para todas as idades, contanto que seja apropriado tempo e conteúdo para o público-alvo no qual o vídeo é produzido, também traga mais interação aos moldes dos vídeos já existentes, sendo essas as peças principais para que a engrenagem do conhecimento seja movida, com o resultado de ser atrativa a quem irá assistir e o objetivo final, que se dar à absorção do conhecimento seja concluída. O uso do VBL, proporciona uma série de ações favoráveis, sendo uma metodologia que abarca o ensino e aprendizagem, o método, usa da alta expansão dos meios de propagação e dos avanços tecnológicos, para ir ainda mais além do que se pode ser feito. Através da acessibilidade com maior valor positivo ao se alcançar ferramentas que proporcionam o acesso a essa ferramenta, com direcionamentos assertivos, tendem a potencializar as ações cognitivas dos alunos, nas diretrizes do que quer ser propagado.

Dada a evolução do meio social e material, tomamos posse de uma nova vertente dos alunos presentes nas salas de aula, o foco no processo de ensino sofre mudanças perante o novo cenário em que se vive. O protagonismo direcionado aos discentes, trazendo o aluno como foco principal, no sistema de aprendizagem, busca o seu aprimoramento no tocante a determinação com os estudos, em locais além de suas salas de aulas, visto como são os ambientes de aprendizado virtual, no sentido em que esses novos ambientes possuam equivalência igual as salas de aulas físicas.

A ferramenta que por sua vez, aparece como uma forte potencialidade no meio educacional surge como uma saída, em que o isolamento social, não foi capaz de interromper a disseminação do aprendizado em muitas escolas. Com recursos exclusivos, tratados no enfoque da aprendizagem ser mais objetiva e direta, passa também ao modo de tornar o conhecimento mais atrativo e lúdico para aqueles que os consomem, podendo paulatinamente substituir as vias tradicionais de ensino, na qual se é necessária uma sala de aula (meio físico) e a figura de um transmissor de conhecimento (o

professor). Facilitadora do ensino, a quebra da barreira física, possibilita o ensino com alcance em maior escala aos que não podem ter acesso às localidades em que o estudo é ofertado.

Contudo, o interesse dos alunos no aprendizado, tende a aumentar, através da experiência em que os vídeos proporcionam, assim como a imersão dos jovens, tendem a ir a vídeos como forma de passar o tempo, vídeos educacionais tendem a usar os moldes, tornando a educação mais atrativa e de uma nova forma de vivenciar o conhecimento. Durante os últimos anos, institutos e universidades, tem crescido no uso de ambientes virtuais de ensino, utilizando os vídeos como propagação de ensinamentos, com o intuito de alcançar o maior número possível de alunos presentes nos cursos, sendo possível assim, uma maior amplitude na disseminação do conhecimento.

2 METODOLOGIA

2.1 METODOLOGIA ATIVA E A GEOGRAFIA: VÍDEOS COMO BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO.

A interação dos avanços técnico científico e informacional, viabilizam uma nova visão dentro dos ensinamentos, a Geografia se faz presente nesse meio, a partir do momento em que as novas tecnologias, transformam o meio de estudo, visto a partir da evolução dos estudos cartográficos, que atrelados aos sistemas de localização, constroem fielmente as porções de terras presentes na superfície terrestre. A partir dessa interação, novas ferramentas, formas e métodos educacionais surgiram através da convergência entre as mídias audiovisuais digitais e o setor educacional (Fiadotau, Sillaots, Ibrus, 2019).

Levando em consideração as aplicações e diferenciações de Sprenger (2008), os modos de aprendizagem podem ser separados em três modos, no qual cada uma possui suas próprias características e grupo específico, nos quais são: auditivos, visuais e anestésicos; Em que se compreende os ensinamentos de formas particulares, cabendo aos alunos auditivos, que associam e aprendem quando ouvem os ensinamentos, sendo seus ou vindo de terceiros, com extrema sensibilidade aos sons que ocorrem em seu ambiente, havendo os alunos visuais, aos quais tecem sua forma de aprendizado, por meio daquilo que é mostrado em forma de dados, imagens, vídeos ou filmes, também mencionados, existem os alunos que são os sinestésicos, esse grupo compreende aos alunos que possuem uma aprendizagem através do toque e do movimento, aprende com suas experiências físicas, na construção de conhecimento dada por ações práticas.

O uso de vídeos para a aprendizagem, embora apresente-se como novas técnicas, seus primórdios remetem às décadas finais do século XX, em que se fazem necessário, como uma nova alternativa de aprendizado, trazendo uma comunicação oral informativa, por meio de registros em

vídeos, partindo de um professor a emissão do conhecimento, mesmo se assemelhando na forma tradicional de transmissão de conteúdos, os vídeos trazem uma ação de aprendizado mais ativo e autônomo dos alunos.

Os resultados dessas técnicas, é observado ao modo em que os alunos são colocados em uma maior interação com os professores, devido aos meios de proporcionar um caminho de mútuo aprendizado, resultando assim, em uma maior responsabilidade do aluno na construção de seu conhecimento, em vias de regra, o aluno irá construir seu conhecimento de modo mais ativo e investigativo, sem ser apenas reprodutores de uma transmissão de informação, aguçando o senso crítico e interpretativos dos alunos.

Bem como toda a tecnologia tem seu papel dentro do ensino, as aulas de campo, por sua vez, trazem o que de melhor há na interação entre professores e alunos, a observação imagética e a imersão do conhecimento no ambiente externo, afloram as percepções do assunto abordado, contribuindo positivamente para o processo de aprendizado do espaço geográfico. Dentre as percepções, a aula de campo, é um dos vetores, que possibilitam o preparo para a criação da atividade proposta neste trabalho.

O senso de aproximação dos ensinamentos com a vida real, através das aulas de campo, mesmo com sua complexidade de entendimento, permite com que seja criado um sentimento de amor à disciplina, segundo Carvalho (2011). Inserida no contexto de ferramenta metodológica, a aula de campo vem com o intuito de desenvolver no aluno um conhecimento prático, atrelado com seu conhecimento ou não prévio do que local abordado/vivenciado, torna-o conhecedor do espaço real e as movimentações e significados que ali reside e é empregado.

O uso das aulas de campo como metodologia, para a Geografia, insere um leque de contextos que pode ser analisado separadamente ou com o enfoque mais amplo, tratados as configurações humanas e suas articulações como sociedade que molda e emprega um novo significado e função naquele espaço, bem como tratar os meios naturais, revelando seu passado geológico e quais ações fizeram ser como é seu presente, além de interações sociais que permeiam o ambiente.

Resultante dos vídeos e seus aspectos naturais e humanos, a aula de campo, direcionada ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte, a construção do conhecimento através da vivência e dos vídeos feitos a partir das trilhas realizadas, tecem uma nova visão sobre o território.

O VBL, é a ferramenta que segue os preceitos que busca mudar a forma na produção de vídeo, na qual a informação a ser passada toma forma mais ativa, assim como segue a fala da Heads de cursos híbridos e metodologias ativas da Unicesumar e cofundadora da Têssera Educação, Thuinie Daros

(apud Modena, 2020): “O VBL se concentra em produzir práticas que modifiquem a passividade dos vídeos tradicionais para outros com alta dose de interação”.

Trazendo uma nova roupagem para a educação e maximizando seus resultados ao ponto em que a educação não se limita, apenas a sala de aula ou ao espaço que comporta uma escola, vai além do espaço físico. “A metodologia qualifica a interação com os estudantes, é de fácil acesso, intuitiva e pode ser combinada com outras práticas.”

Inserido no campo das metodologias ativas, o uso dos vídeos para o ensinamento de forma direta e objetiva, contendo em seu conteúdo informações de maior absorção de conhecimento e com as técnicas de seu modo de produção.

O meio de produção dos vídeos se baseia em táticas como, a transmissão de um conteúdo envolvendo uma narrativa bem escrita e no qual envolve aquele que busca aprender, com o intuito de ter o maior sucesso na transmissão do conteúdo. Quando usados dentro dos aportes educacionais para a geografia, expande a área de construção do conhecimento e suas formas de uso.

A composição do vídeo segue uma estrutura, com seu roteiro informacional, visando expor todo o conceito que exprime aquela paisagem, bem como a configuração e seus objetos presentes nos meios em que são produzidos os vídeos, assim dando visibilidade e real importância a cada elemento que será mostrado, para composição dos conceitos e análise de aprendizados, conforme conhecimento prévio sobre o tema abordado. Ao que segue as diretrizes da atividade resultante intitulada como “Geografia Escrita nos Relevos” ao qual será descrita neste artigo.

Em busca de uma melhor compreensão do tema abordado no próximo item foram abordados alguns elementos da história e das características até agora formuladas, em relação à tradição Agreste, O sitio Alcobaça, situado na área arqueológica do vale do Jatobá, (Buíque, PE) que pertence à grande bacia do São Francisco, seria um abrigo dessa tradição, com a ressalva de que se trata de um abrigo sob rochas ocupado intensamente durante longos períodos de tempo, principalmente como cemitério onde se praticava a incineração e onde se realizaram praticas pictóricas também em períodos diferentes, mesmo que, o conjunto total dos painéis de figuras, mantenham uma unidade de estilo.

2.2 ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DAS FIGURAS RUPESTRES DO VALE DO ALCOBAÇA: BUÍQUE – PE

O Vale do Alcobaça é uma região localizada no estado de Pernambuco, no nordeste brasileiro, que é conhecida por abrigar diversos sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Essas pinturas são vestígios de uma antiga cultura que habitou a região há cerca de seis mil anos atrás. É composto por vários sítios arqueológicos espalhados por uma área de aproximadamente 30km², no município de

Buíque, no sertão pernambucano. A região é formada por rochas sedimentares, principalmente siltito e quartzito, que são propícias para a realização de pinturas rupestres devido à sua superfície lisa e uniforme.

As pinturas rupestres encontradas na região do Vale do Alcobaça são atribuídas à cultura pré-histórica conhecida como tradição Nordeste. Essa cultura, que se desenvolveu entre 5500 e 2000 a.C., é caracterizada por sua tecnologia primitiva de produção de ferramentas de pedra, além de uma economia baseada na pesca, caça e coleta de frutos. Compostas por figuras geométricas, como linhas, pontos e círculos, além de figuras antropomórficas e zoomórficas, representando humanos e animais.

Foto 01 - Figuras Rupestre

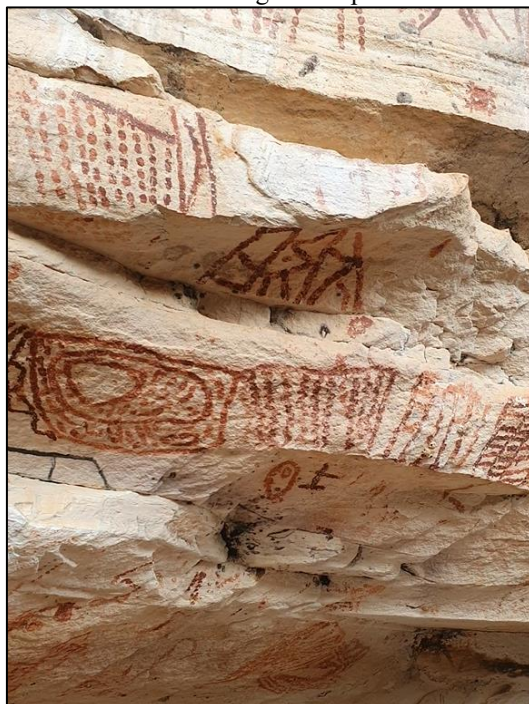


Fonte – Iverson Marques Barbosa

Essas figuras são pintadas com pigmentos naturais, geralmente vermelho, amarelo e preto, que eram obtidos a partir de substâncias encontradas na natureza, como a hematita e a argila. Consideradas importantes vestígios da história pré-histórica do continente americano. Elas são vistas como um registro da vida e da cultura dos primeiros habitantes da região, que produziram essas figuras há mais de seis mil anos atrás. Essas pinturas representam uma maneira de preservar e transmitir informações sobre a vida e as tradições desses povos antigos.

Essas tradições são definidas a partir primeiramente do período cronológico do sítio; em seguida são levadas em conta as características técnicas como que tipo de pigmento/tinta é utilizado; que ferramentas (pincel ou dedos) são usadas; e que temas são representados (grafismos puros, grafismos compostos, grafismos de ação). São sete tradições que ocorrem no território brasileiro, que são: Geométrica, Litorânea, Planalto, São Francisco, Nordeste, Agreste e Amazônica.

Foto 02 - Figuras Rupestre



Fonte – Iverson Marques Barbosa

A tradição do nordeste, assim denominada por Niéde Guidon, é criada a partir dos grafismos encontrados no Parque Nacional Serra da Capivara, no estado do Piauí, visto que ao longo dos novos grafismos vistos em uma área próxima, compartilhavam representações semelhantes. Essas representações tratavam de ações da sociedade vigente, como lutas, caças, dança e sexo. Possui traços leves, pintados através de pincéis finos e deixados, com pigmentos de cores vermelhas, brancas, pretas cinza, amarelo, azul e verde.

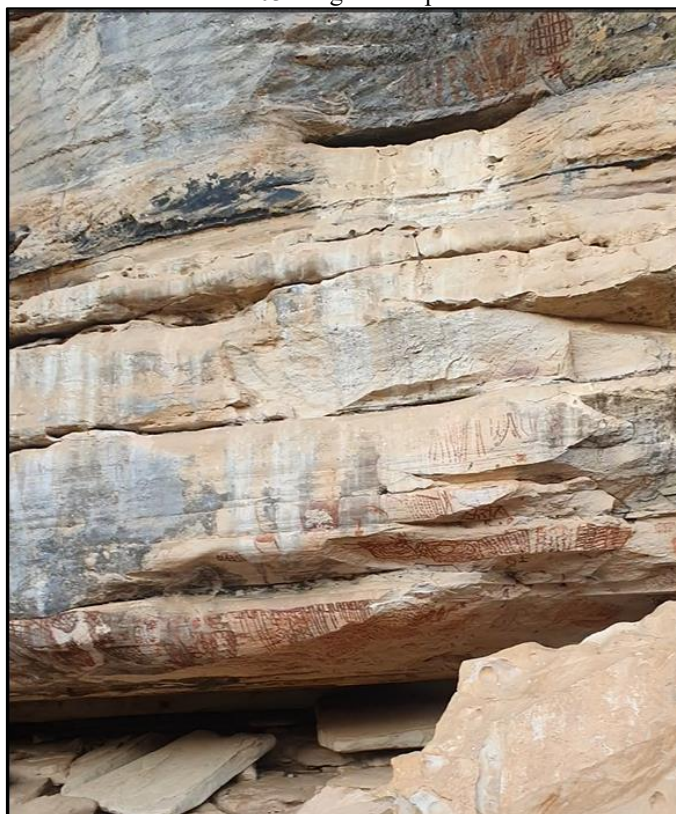
As características dos grafismos, as figuras que representam os humanos, possuem ornamentos característicos, como cocares, vestimentas e armas, enquanto os animais representados, possuem tamanhos maiores que os seres humanos, trazendo uma realidade de proporção ao que existe no ambiente em que os povos convivem.

Além de sua importância histórica e cultural, as pinturas rupestres do Vale do Alcobaça também representam um desafio para os pesquisadores que estudam essa região. A preservação desses sítios arqueológicos é um desafio constante, pois eles estão expostos a diversos fatores que podem danificá-los, como ação do vento, sol e chuva, além da ação do homem, que muitas vezes pode agir de forma irresponsável e danificar as pinturas.

Entre as iniciativas para preservar as pinturas rupestres do Vale do Alcobaça, destacam-se as ações de pesquisa e divulgação desses sítios arqueológicos. Por meio de projetos de pesquisa, escavações e análises, os especialistas buscam compreender melhor a história e a cultura dos antigos

habitantes da região. Já a divulgação desses sítios, por meio de exposições, palestras e trabalhos educativos, tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre a importância da preservação do patrimônio cultural.

Foto 03 - Figuras Rupestre



Fonte – Iverson Marques Barbosa

Sítio Arqueológico do Alcobaça, é uma região de grande importância histórica e cultural, cujas pinturas rupestres representam uma memória viva dos povos que habitaram essa região há milhares de anos atrás. A preservação dessas pinturas é fundamental para a compreensão da história da região e do continente americano como um todo, e é necessária a continuidade de projetos de pesquisa e divulgação para garantir que esse patrimônio seja preservado para as futuras gerações.

Possuindo uma configuração geomorfológica que se estende por sua porção Ocidental Solos Litólicos Eutróficos e Planossolos Solódicos, também contendo solos Regossolos, em menor quantidade, contendo em sua parte oriental, os solos como as Areias Quartzosas Distróficas; seu clima sendo o semiárido; contendo em sua paisagem, resultados das erosões fluviais, mais intensas no passado, sendo atualmente redesenhado pelas erosões tanto pluviais quanto eólicas. A vegetação dominante é a caatinga arbórea, havendo exemplos de espécies como coroa-de-frade, o xique-xique, rabo-de-raposa e mandacaru.

Observar essas configurações e seus atores, permite ao aluno, ser um indivíduo que levará o conhecimento para lugares mais amplos, comparando o conteúdo teórico com o conteúdo vivenciado. Ao momento que a visualização e compreensão do que é visto e vivenciado no espaço geográfico, as possibilidades de aprendizados tomam maior corpo, acarretando uma diferente visão do que ocorre corriqueiramente na vida dos indivíduos.

Foto 04- Pedra utilizada para a pintura das figuras rupestres.



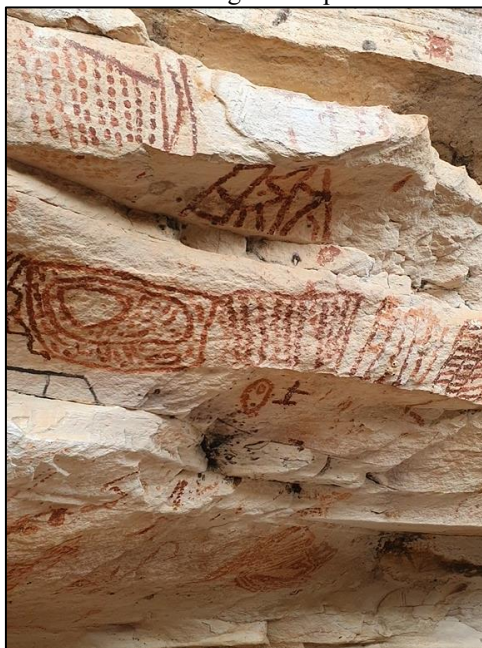
Fonte – Iverson Marques Barbosa

Desde seus primeiros passos como ciência, a Geografia esteve presente como uma ciência de observação e descrição, com sua evolução, deixou de ser apenas uma ciência de descrição e observação e passa a além de ter essas informações a usar como ponto de reflexão e análise dos dados, atrelados à realidade vigente.

Em duas visões resultantes, as aulas de campos, trazem: aos docentes, uma quebra no ambiente de vivência de aprendizagem, sendo envolvidos em um novo cenário além da sala de aula, trazendo uma dinamicidade ao conhecimento e aos discentes, uma maior amplitude no entendimento do espaço e um meio mais intenso de conhecimento.

Na ótica das metodologias ativas a presente pesquisa busca inserir os alunos no sítio histórico do Alcobaça sem a necessidade de saírem da sala de aula nas através do VBL (Video Based Learning) construindo uma aula de campo virtual, levando em consideração que essa prática foi pensada para as escolas municipais que não possuem recursos para a construção de uma aula de campo regular.

Foto 05 – Figuras Rupestres



Fonte – Iverson Marques Barbosa

Por consequências do que até aqui foi mostrado, o objetivo deste trabalho é mostrar como a metodologia ativa VBL em conjunto com aulas de campos, tendem a ser ferramentas para a construção do conhecimento, no que envolve diversos aspectos fundamentais para a Geografia, como: relevo, clima, fauna, flora, pinturas rupestres e sociedades.

Promovendo assim uma construção metodológica e uma intervenção didática usando aula de campo virtual para uma imersão dos alunos nos conteúdos abordados, dentro do aspecto da vivência no Vale do Catimbau, em específico no Sítio Arqueológico do Alcobaça.

3 RESULTADOS

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E OS RESULTADOS DA SUA APLICAÇÃO: CONSTRUINDO UM VBL (VIDEO BASED LEARNING) NAS TRILHAS DO SÍTIO ALCOBAÇA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.

Ao longo do tempo vem se discutindo, em documentos oficiais o modelo das orientações curriculares de Estados e Municípios brasileiros, a necessidade de se pensar em uma organização do ensino que estimule mais os alunos a aprender; algumas dessas modalidades fazem parte do que chamamos de “metodologias ativas”.

As metodologias ativas estão sendo amplamente difundidas e têm sido bastante eficazes, por serem estratégias que minimizam ou solucionam alguns dos problemas encontrados no ambiente escolar. Entre suas principais funções estão a de impulsionar o envolvimento dos alunos por meio de

atividades lúdicas, como o uso de jogos, e partir de situações vivenciadas por eles para tratar de temas como cidade ou meio ambiente.

À escola, na concepção do autor, caberia uma função social: ensinar ao indivíduo não as coisas, mas os significados das coisas, os sinais e sua linguagem (Dewey, 1959). Se a escola não vinculasse a prática das crianças ao que aprendem, ela estaria isolada da sociedade. A escola seria o local onde a criança deveria adquirir diferentes experiências relacionadas ao comportamento moral e ao bem-estar social. Procedendo-se dessa maneira, a separação entre escola e sociedade seria de certa forma amenizada. (Moraes & Castellar, 2018, p. 424)

Essas metodologias são apontadas como um caminho que pode ser trilhado pelo professor a fim de obter resultados mais satisfatórios no processo de ensino e de aprendizagem. Diante disso, o foco desta abordagem didática é contribuir com as recentes discussões sobre os processos de ensino e de aprendizagem baseados em metodologias ativas.

A educação sempre está em constante evolução, com isso, há o surgimento de novos métodos de ensino que são criados de acordo com as necessidades do mundo globalizado e da tecnologia. Para tal, é importante haver uma junção da perspectiva pedagógica, que pauta o modelo educacional, com práticas educativas inovadoras.

Para atender as exigências contemporâneas a Educação em Ciências precisa oferecer novas abordagens em sala de aula. Essas abordagens precisam estimular os estudantes na aquisição de uma nova postura, para enfrentar os desafios do cotidiano. A leitura, a escrita, o questionamento e a discussão são aspectos relevantes não só para vida acadêmica, mas também para o convívio social, que podem ser trabalhados nas metodologias ativas de aprendizagem. (BONWELL e EISON, 1991)

Hoje, a aprendizagem tem como foco a formação de sujeito ativo, crítico, reflexivo e transformador, sujeito este que assume o papel principal na construção do seu conhecimento. Dessa forma, o papel do professor é de facilitador/mediador do processo de ensino/aprendizagem.

Nesse caso, o professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisa, reflita e decida por si mesmo, o que estimula a autoaprendizagem e facilita a educação continuada porque desperta a curiosidade do aprendiz. As ferramentas ativas de ensino podem ser utilizadas em qualquer disciplina e com estudantes de todas as idades, do ensino básico ao ensino superior (OLIVEIRA, 2013)

Esta abordagem pode ser construída por meio do modelo VBL após a reprodução da aula de campo virtual, a aula é voltada para a troca de experiências e conhecimentos prévios sobre a temática, momento em que o professor pode explorar o conhecimento de mundo do aluno sobre o tema, para o compartilhamento de conhecimentos, partindo de discussões sobre o tópico da aula.

Devido a sua finalidade, está atrelada a soma de dois meios de aprendizado, tanto os vídeos como a aula de campo, o registro, de certa forma, é o que norteia a atividade intitulada como “Geografia escrita no relevo”, foi dado foco nas pinturas rupestres presentes no Sítio Arqueológico do Alcobaça.

Realizada após a observação dos vídeos tratando das imagens registradas, referentes às representações nas rochas, esperasse que seja dada aos alunos, rochas semelhantes às quais os povos utilizavam para criar as pinturas, para simular como eles poderiam deixar suas gravuras e mensagens, sendo ao invés das rochas, folhas de papel.

O objetivo é utilizar os vídeos criados nas trilhas do Sítio Arqueológico do Alcobaça durante a excursão didática realizada pela Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte, a ideia surgiu como uma tentativa de inserir os alunos que não tem condições financeiras de fazer uma excursão desse tamanho, levando em consideração a distância e a estadia dos mesmo, sendo assim foram gravados todas as trilhas realizadas por nós e seus principais pontos focando sempre as figuras rupestres, buscando fazer com que eles compreendam sobre as pinturas rupestres, bem como entender a dinâmica social, assimilando a pintura rupestres como meio de comunicação.

Após a reprodução da aula de campo virtual denominada “Geografia escrita no relevo”, foi elaborado uma simples atividade final de aula de campo a ser aplicada em sala com os alunos, a realização dela, fecha todo um ciclo de aprendizado, ressaltando as habilidades dos alunos inseridos no contexto da aula de campo virtual, para a criação das imagens atreladas além do que visto em campo, retratar também o que o mesmo, vê em seu cotidiano.

Foto 06 - Atividade realizada no final da aula de campo



Fonte – Ivison Marques Barbosa

Este ciclo de aprendizagem vivencial é baseado em experiências ou em vivências, no qual os alunos são encorajados a refletir sobre suas ações e experiências sociais, através de um método de aprendizagem, o qual foi utilizado o VBL. A atividade no qual é abordado a vivência dos alunos referente a aula de campo virtual, formando um desafio a ser cumprido, gerando o envolvimento dos alunos em relação a análise das figuras rupestres, onde é formado um processo diagnóstico, que gera um feedback do que deve ser feito na próxima fase de conceituação produzindo um mapa cognitivo, utilizando as informações geradas no processo do feedback, o resultado dessa atividade é utilizado na reformulação dessa vivência.

A conexão possibilita a correlação com o real, e assim chegando ao objetivo principal que seria inserir os alunos remotamente nas trilhas do Sítio Arqueológico do Alcobaça através da aula de campo virtual denominada “Geografia escrita no relevo”.

4 CONCLUSÃO

Esse projeto como até aqui apresentado, demonstrou como a inserção de uma metodologia ativa, usando o recurso pedagógico VBL (Video Based Learning) para a criação de conhecimento a partir do protagonismo do discente, com a construção de vídeos dentro das aulas de campo. Havendo uma interação entre o ensinamento e a vivência do que é ensinado, a quebra do modus operandi de ensinamento, motiva esse projeto.

Espera-se que o projeto caminhe juntamente com o interesse do uso de vídeo em diferentes situações e criação de aprendizagem. Atrelado a uma nova funcionalidade aos dispositivos tecnológicos, empregados na educação sendo vetor facilitador para o acesso à informação, a aplicação da atividade pode ser usada em diversos contextos, desde que haja a ligação entre o teórico (conhecimento) e o prático (vivência da aula de campo), assim como o uso das tecnologias juntamente com a Geografia.

Além de sua importância histórica e cultural, as pinturas rupestres do Vale do Alcobaça também representam um desafio para os pesquisadores que estudam essa região. A preservação desses sítios arqueológicos é um desafio constante, pois eles estão expostos a diversos fatores que podem danificá-los, como ação do vento, sol e chuva, além da ação do homem, que muitas vezes pode agir de forma irresponsável e danificar as pinturas. Entre as iniciativas para preservar as pinturas rupestres do Vale do Alcobaça, destacam-se as ações de pesquisa e divulgação desses sítios arqueológicos. Por meio de projetos de pesquisa, escavações e análises, os especialistas buscam compreender melhor a história e a cultura dos antigos habitantes da região. Já a divulgação desses sítios, por meio de exposições,

palestras e trabalhos educativos, tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre a importância da preservação do patrimônio cultural.

O Vale do Alcobaça é uma região de grande importância histórica e cultural, cujas pinturas rupestres representam uma memória viva dos povos que habitaram essa região há milhares de anos atrás. A preservação dessas pinturas é fundamental para a compreensão da história da região e do continente americano como um todo, e é necessária a continuidade de projetos de pesquisa e divulgação para garantir que esse patrimônio seja preservado para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- BONWELL, E. J.: Active Learning: creating excitement in the classroom. Washignton D.C.: Eric Digest, 1991.
- BURGEL BORSATTO, G. Vídeos De Divulgação Científica Em Geografia: potencialidades e limitações no processo de ensino e aprendizagem. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.
- CARVALHO, A. M. P. Ensino e aprendizagem de Ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas - (SEI). In: LOGHINI, M. D, O Uno e o Diverso na Educação. Edufu, 2011. P. 253-266.
- CORDEIRO, J. M. P., & Oliveira, A. G. de. (2012). A AULA DE CAMPO EM GEOGRAFIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA. GEOGRAFIA (Londrina), 20(2), 99–114. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2011v20n2p99> . Acesso em 10 jul de 2024.
- FIADOTAU, M. SILLAOTS, M. & IBRUS, I. (2019), Education on Screens: Histories of Co-innovation and Convergence between Audiovisual Media and Education Sectors, Ibrus, I. (Ed.) Emergence of Cross-innovation Systems, Emerald Publishing Limited, Leeds, pp. 61-69.
- GRECO JUNIOR, R. Video-Based Learning: a metodologia ativa como aporte para a educação aberta. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2022.
- JUSTEN, R.; CARNEIRO, C. D. R. Importância Dos Trabalhos De Campo na Disciplina Geografia: Um Olhar Sobre A Prática Escolar em Ponta Grossa (PR). In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2009, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- LEITE dos Santos, A. F.; DOS SANTOS BURITI, M. M. Importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de geografia. Revista GeoUECE, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 181–194, 2020. DOI: 10.5904/GEOUECE.2317-028X.v9.n16.181-194. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/3205>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- MODENA, S. Video Based Learning: como funciona essa metodologia de aprendizagem. Revista Desafios da Educação. 16/11/2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.com.br/video-based-learning/> . Acesso em 09 jul 2024.
- MORAES, J. M. CASTELLAR, M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol. 17, Nº 2, 422-436 (2018).
- OLIVEIRA, G.: Estudo de Casos. In COSTA, OLIVEIRA & CECY, (Orgs) Metodologias Ativas: aplicações e vivências em Educação Farmacêutica. São Paulo. Abenfarbio. 2013.
- SANTOS, V. O que são metodologias ativas e como elas favorecem o protagonismo dos alunos. Revista Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20630/especial-metodologias-ativas-o-que-sao-as-metodologias-ativas-e-como-funcionam-na-pratica>. [20/12/22] Acesso em 09 jul. 2024.

SPRENGER, M. Memória: como ensinar para o aluno lembrar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TONETTO, E. P. TONINI, I. M. ParaOnde!?, Porto Alegre, v.10, n.2, p.118-124,2018. Edição Especial com artigos publicados originalmente na XII ENANPEGE.